

# Sobre a Semântica do Foco e seu Uso no Discurso

Sergio Menuzzi, PUCRS

[1o. rascunho: fevereiro de 2005; comentários bem-vindos! por favor, não cite!]

Apresentado na mesa-redonda “Foco: sintaxe, semântica e discurso”, no IV Congresso Internacional da ABRALIN (17-19 de fevereiro de 2005 – UnB, Brasília)

## 1 Introdução

Objetivo do trabalho: discutir o papel das construções de foco não-marcadas no discurso; em particular, apontar a relevância de usos como o atestado em (1e,f) vs. (1c,d) abaixo para teorias recentes sobre a semântica das construções de foco e de tópico contrastivo (caixa alta e itálico indicam os acentos de proeminência de foco e de tópico contraste, respectivamente; ver abaixo):

- (1) [a] Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO.  
[b] NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu sempre tive PROBLEMAS. [e] Eu achava CIÊNCIAS interessante e [f] adorava EDUCAÇÃO FÍSICA, é claro.

Contexto: A partir especialmente dos anos 90, várias tentativas de dar um tratamento mais sistemático/formalizado para (as contribuições de significado d') a estrutura informacional da frase, especialmente para as articulações tópico/comentário e foco/fundo (ing. *ground*): ver Vallduví (1992), Lambrecht (1994), Büring (1997), Steedman (2000), entre outros.

Uma abordagem muito influente da “semântica do foco” neste contexto: a chamada “alternative semantics” (von Stechow 1989), baseada na noção de “focus value” (valor focal) introduzida por Rooth (1985, 1992) e adaptada para as construções de tópico contrastivo por Büring (1997).

Recentemente: Büring (2003a) revisa a análise de Büring (1997) das construções de tópico contrastivo e de sua relação com as construções de foco; nesta revisão, a análise faz apelo a uma teoria mais articulada da estrutura do discurso, especificamente, à idéia de que a estrutura informacional de cada frase em um discurso reflete uma “questão sob discussão” (QSD; ing. *question under discussion*, QUD) (implícita ou explícita) subjacente àquele ponto do discurso; a estrutura temática do discurso seria reflexo, por sua vez, da hierarquia de QSDs de que o discurso é constituído (cf. Roberts 1996; tb. van Kuppevelt 1995, 1996).

Importante na proposta de Büring (2003a): a semântica das construções de foco e de tópico contrastivo deve sinalizar os diferentes papéis que estas construções possuem na estrutura do discurso, i.é, na hierarquia de QSDs que caracteriza o discurso. Esta diferença de papéis é ilustrada pelo fato de que as construções de foco e de tópico contrastivo não podem ser usadas nos mesmos contextos discursivos, como ilustrado pelos exemplos abaixo de Jackendoff (1972, p. 261): o que Jackendoff chama de “acento A” sinaliza o foco (F) e é

representado abaixo por caixa alta; e o que chama de “acento B” sinaliza o tópico contrastivo (TC) e é representado abaixo por itálico (sobre os acentos, ver seção 2 abaixo):

- (2) A: Well, what about Fred? What did HE eat?  
B: *Fred*<sub>TC</sub> ate the BEANS<sub>F</sub>.  
# FRED<sub>F</sub> ate the *beans*<sub>TC</sub>.
- (3) A: Well, what about the beans? Who ate THEM?  
B: FRED<sub>F</sub> ate the *beans*<sub>TC</sub>.  
# *Fred*<sub>TC</sub> ate the BEANS<sub>F</sub>.

Cf. Büring (2003a, p. 514): “(...) we need (...) a theory of CT/F interpretation which is sufficiently fine-grained to express the difference between, say, [2B] and [3B]. Unfortunately, virtually all currently available approaches (...) fall short of this (...) requirement, failing to formally implement the distinction between contrastive topics and foci (...)”.

Este trabalho: contrariamente ao que (2) e (3) sugerem – e ao que a análise proposta por Büring (2003a) expressa –, *nem sempre* as construções de foco e de tópico contrastivo estão em distribuição complementar; *nem sempre* possuem “papéis diferentes” na organização do discurso. É preciso, portanto, não apenas “implementar” a *distinção* entre elas, mas também suas *semelhanças*! Aqui: apenas demonstrar que as construções de foco não-marcadas podem ter o mesmo “papel discursivo” que as construções de tópico contrastivo.

## 2 Foco e tópico contrastivo

Características básicas do que chamarei de “(construções de) foco” e que são melhor caracterizadas como “construções de foco não-marcadas”, ou “estruturas de tópico/comentário não-marcadas” (cf. Halliday 1967, 1985; Givón 1992, 1993; Lambrecht 1994, entre muitos outros):

(a) forma: frase na ordem canônica (em particular, sem constituintes prepostos); sujeito inacentuado; elemento entoacionalmente mais proeminente da frase (acento nuclear, do tipo A, cf. abaixo) dentro do predicado (VP), especialmente na última posição;

(b) interpretação: predicado ou subparte dele (incluindo necessariamente elemento acentuado) é “informação nova”; o resto da frase é “informação velha”, i.é, parte do “fundo comum” (em particular, o sujeito; sobre a distinção “info nova/velha”, ver Vallduví 1992, Lambrecht 1994, Büring 2003b):

- (4) A: Com quem o Paulo vai sair?  
B: (A Sílvia DISSE que) ele ia encontrar a MARIA no cinema.
- (5) A: O que o Paulo vai fazer amanhã?  
B: (A Sílvia DISSE que) ele ia encontrar a MARIA no CINEMA.

Características básicas das “construções de tópico contrastivo”, i.é, estruturas de tópico/comentário *marcadas*, em que o “tópico” está “em contraste” com algum elemento do contexto (sobre “contraste”, ver Vallduví & Vilkuna 1998):

(a) forma: além da proeminência não-marcada de foco (acento A em elemento do predicado), o “tópico contrastivo” – que pode ser o sujeito ou algum outro constituinte deslocado à esquerda da frase) também recebe acento particular (de tipo B, cf. abaixo);

(b) interpretação: predicado ou subparte dele (incluindo necessariamente elemento acentuado) é “informação nova”; o “tópico” pode ser parte do fundo, mas implica “contraste”:

(6) A: Com quem o Paulo vai sair amanhã?  
B: O *Paulo* vai sair com a *MARIA* (e o *João*, com a *ROSA*).

(7) A: Quem vai sair amanhã com a Maria?  
B: *Com a Maria* vai sair o *PAULO* (e *com a Sílvia* vai sair o *CARLOS*).

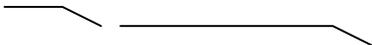
Em comum entre foco e tópico contrastivo, além da proeminência entoacional: tópico contrastivo também pode ser “informação nova”, como já indica o fato de que envolve “contraste” (sobre a relação entre contraste e informação nova, ver Givón 1993, Lambrecht 1994, Vallduví & Vilkuna 1998, Gundel 1999, e.o.):

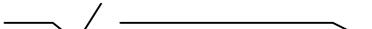
(8) [Contexto: retorno de sacoleiros...]  
A: Quem trouxe o que desta vez?  
B: O *Paulo* trouxe uma sacola de *RELÓGIOS*, o *José* trouxe dez *VIDEOCASSETES*, etc.

As diferenças entre as duas construções:

(a) de forma: as curvas entoacionais são diferentes: no foco (quando não envolve contraste), a curva é *descendente*, enquanto que no tópico contrastivo, a curva é de descida-subida (na notação introduzida por Pierrehumbert 1980, as curvas coincidentes com o acento de proeminência seriam H\*L L% e H\*L H%, respectivamente; ver Büring 2003a para breve descrição dos acentos do inglês, e Ilari 1992 para descrição dos fatos correspondentes em português);

(b) de interpretação: entoação de tópico contrastivo é incompatível com “função exclusiva de foco” (i. é, se não houver contraste envolvido, como há em perguntas múltiplas); e a entoação de foco é incompatível com elementos do fundo comum:

(9) A: Quem encontrou a Maria?  
 H\*L L% (L)  
B: ✓ o *PAULO* (encontrou a Maria).  
 H\*L H% (L)  
# O *Paulo* (encontrou a Maria).

- (10) A: Quem o Paulo encontrou?
- 
H\*<sub>3</sub>L L%
H\*<sub>3</sub>L L%
- B: # o PAULO encontrou a MARIA.
- 
H\*<sub>3</sub>L H%
H\*<sub>3</sub>L L%
- ✓ O Paulo (encontrou a MARIA).

### 3 Semântica do foco

O “breakthrough”: a análise semântica de Mats Rooth (1985) dos advérbios de focalização como *only* “só/somente” e *even* “até mesmo”, depois estendida em Rooth (1992) a outros fenômenos relacionados com foco; em particular, a construções de contraste e às relações de congruência entre perguntas e respostas.

A idéia básica: toda sentença S possui, além de seu *valor semântico ordinário* ou normal, um *valor semântico de foco*, ou *valor focal*:

(a) *valor semântico ordinário* de S (notação:  $\|S\|^{\circ}$ ) = uma “proposição”, i.é, uma função de mundos possíveis a valores de verdade (aqui, representada “forma lógica” que expressa as condições de verdade da sentença);

(b) *valor focal* de S (notação:  $\|S\|^f$ ) = o conjunto de proposições P’ que são como S exceto, possivelmente, pela substituição do valor semântico do foco de S por um conjunto (contextualmente determinado) de valores do mesmo tipo (incluindo o valor do foco de S).

Para usar o exemplo de Rooth (1992), considere-se como uma análise baseada na noção de “valor focal” expressaria a diferença nas condições de verdade das sentenças em (11):

- (11) a. A Maria só tinha apresentado [<sub>F</sub> o JOÃO] pr’a Suzana  
 b. A Maria só tinha apresentado o João [<sub>F</sub> pr’a SUZANA]

As frases em (12a) e (13a) abaixo são como (11a) e (11b), respectivamente, exceto pelo fato de que não possuem o advérbio *só*. (12a) e (13a) diferem apenas quanto a seu foco; para Rooth, possuiriam o mesmo valor semântico ordinário (as mesmas condições de verdade), cf. (12b) e (13b), mas diferentes valores focais, cf. (12c) e (13c):

- (12) a. A Maria tinha apresentado [<sub>F</sub> o JOÃO] pr’a Suzana  
 b.  $\|A$  Maria tinha apresentado [<sub>F</sub> o JOÃO] pr’a Suzana $\|^{\circ} =$   
 P = **tinha-introduzido** (m, j, s)  
 c.  $\|A$  Maria tinha apresentado [<sub>F</sub> o JOÃO] pr’a Suzana $\|^f =$   
 o conjunto de proposições P’ tal que  
 P’ = [**tinha-introduzido** (m, x, s) & x ∈ C], C um conjunto contextualmente determinado de indivíduos incluindo João.

- (13) a. A Maria tinha apresentado o João [<sub>F</sub> pr'a SUZANA]  
 b.  $\|A \text{ Maria tinha apresentado o João } [\sub{F} \text{ pr'a SUZANA}]\|^{\circ} =$   
 $P = \text{tinha-introduzido} (m, j, s)$   
 c.  $\|A \text{ Maria tinha apresentado o João } [\sub{F} \text{ pr'a SUZANA}]\|^f =$   
 o conjunto de proposições  $P'$  tal que  
 $P' = [\text{tinha-introduzido} (m, j, x) \ \& \ x \in C]$ ,  $C$  um conjunto  
 contextualmente determinado de indivíduos incluindo Suzana.

Voltando a (11a,b): na análise de Rooth, só é um advérbio cuja semântica lexical opera sobre o *valor focal* da sentença, identificando uma de suas proposições como verdadeira e excluindo as demais possibilidades. Essa idéia pode ser expressa do seguinte modo:

- (14) a.  $\|(11a)\|^{\circ} = P \ \& \ [P' \in \|(12a)\|^f \ \& \ P' \neq P] \rightarrow -P'$   
 b.  $\|(11b)\|^{\circ} = P \ \& \ [P' \in \|(13a)\|^f \ \& \ P' \neq P] \rightarrow -P'$

Com a análise da semântica do foco acima esboçada (i. é, o foco de uma sentença define um outro objeto semântico, o “valor focal”, que pode ser utilizado pela semântica de uma palavra ou construção; ver Rooth 1992 para discussão), tornou-se mais fácil compreender por que o *foco* da frase é o elemento primordial para a congruência entre uma pergunta e sua resposta.

Aqui, o fundamental é observar que, segundo a análise standard da semântica das perguntas (cf. Hamblin 1973, Karttunen 1977), o valor semântico ordinário de uma pergunta é, como o valor focal de uma sentença, um conjunto de proposições; especificamente, o conjunto de proposições que são suas “respostas potenciais” (saber o significado de uma pergunta é saber que sentenças seriam, lingüísticamente, respostas adequadas a ela).

No caso de perguntas-QU, o conjunto de proposições pertinente é formado, obviamente, de modo análogo ao valor focal de frases declarativas:

- (15) a. Quem Maria tinha apresentado \_\_ para Suzana? (cf. (12a))  
 b.  $\|(15a)\|^{\circ} =$  o conjunto de proposições  $P'$  tal que  
 $P' = [\text{tinha-introduzido} (m, x, s) \ \& \ x \in C]$ ,  $C$  um conjunto  
 contextualmente determinado de indivíduos. (cf.  $\|(12a)\|^f$ )  
 (16) a. Para quem Maria tinha apresentado o João \_\_? (cf. (13a))  
 b.  $\|(16a)\|^{\circ} =$  o conjunto de proposições  $P'$  tal que  
 $P' = [\text{tinha-introduzido} (m, j, x) \ \& \ x \in C]$ ,  $C$  um conjunto  
 contextualmente determinado de indivíduos. (cf.  $\|(13a)\|^f$ )

A similaridade semântica entre o valor ordinário de uma pergunta e o valor focal da frase declarativa correspondente explica, evidentemente, por que ao elemento-QU da pergunta deve corresponder o foco de suas respostas potenciais: só assim o valor semântico de uma resposta específica conterà o valor semântico da pergunta, cf. o contraste entre (18) e (19) abaixo. A condição de congruência entre pergunta e resposta é, portanto, a seguinte (cf. Rooth 1992, Büring 1999, 2003b, entre outros):

- (17) *Condição de Congruência entre Pergunta e Resposta* (CPR)  
 Uma sentença  $R$  é uma resposta apropriada a uma pergunta  $P$  se e somente se  $\|P\|^{\circ} \supseteq \|R\|^f$ .

- (18) A: Quem Maria tinha apresentado \_\_ para Suzana? = (15a)  
 B: ✓ A Maria tinha apresentado [<sub>F</sub> o JOÃO] pr'a Suzana = (12a)

$\|(18A)\|^o \supseteq \|(18B)\|^f$ , cf. (12c) e (15b).

- (19) A: Quem Maria tinha apresentado \_\_ para Suzana? = (15a)  
 B: # A Maria tinha apresentado o João [<sub>F</sub> pr'a SUZANA] = (13a)

$\|(19A)\|^o \not\supseteq \|(19B)\|^f$ , cf. (13c) e (15b).

Importante: numa teoria do discurso em que a estrutura informacional das frases é reflexo das QSDs subjacentes ao discurso (ver próxima seção), a CPR em (17) define também as condições de uso apropriado das construções de foco não-marcadas!

#### 4 Estratégias discursivas e tópico contrastivo

A intuição por trás da semântica dos tópicos, na análise de Büring (1997, 1999, 2003a,b): "(...) at any stage of a discourse there is not only a common ground (of beliefs and knowledge agreed upon by the participants) but also a certain restricted range of possibilities as to where the conversation might move to next. We may view this range of possibilities as a set of sentences/propositions with which the conversation might be continued. Technically, we call this set a D(iscourse)-Topic" (1999, p. ...). Ou seja, tópicos do discurso envolvem conjuntos de proposições – as possíveis continuações do discurso. Tópicos do discurso são, portanto, o mesmo tipo de objeto semântico que caracteriza o valor semântico das perguntas.

Daí a idéia de que, do ponto de vista semântico – teórico, abstrato –, todo o discurso envolve um conjunto articulado de “questões sob discussão” (QSDs): cada nova proposição em um discurso é, do ponto de vista abstrato, uma resposta a uma QSD: a escolha de uma entre um conjunto de proposições alternativas. Isso vale mesmo quando o discurso não é um diálogo (cf. Büring 2003a, Roberts 1996, van Kuppevelt 1995, 1996); neste caso, as QSDs estão “implícitas” no discurso, como mostra o exemplo abaixo, adaptado de van Kuppevelt (1995, p. 122, ex. (12)):

- (20) (Quais são as novas?) Não será mais permitido aos estudantes levar mais de 6 anos para obter seu primeiro diploma. (De quem foi esta decisão?) Esta decisão foi tomada pelo Ministério da Educação e Ciência. (Qual foi a razão para o Ministério tomá-la?) Ela tem como objetivo cortar drasticamente o orçamento para a educação. (A partir de quando será implementada?) A medida se tornará operacional a partir do começo do próximo ano acadêmico. (Quais os efeitos esperados?) Espera-se que, nos próximos anos, o número de estudantes matriculados venha a cair substancialmente.

(Hierarquia das QSDs e hierarquia temática do discurso: ... Relação entre tópico do discurso e tópico da sentença: ...)

No caso de construções com tópico contrastivo, a idéia de Büring – seguindo sugestão de Jackendoff (1972) – é generalizar a semântica que apresentam quando ocorrem em respostas a perguntas-QU múltiplas (como no exemplo (8))

acima). Por exemplo, no caso de (2B) e (3B) acima, “[t]here is an issue about ‘Who ate what?’, and there are two ways of approaching the issue (going by people, or going by food). (...) [The] question is split up, as it were, into sub-questions such as ‘Who ate the beans? Who ate the carrots? ...’, or into subquestions such as ‘What did Fred eat? What did Joanna eat? ...’ (...) The gist of this proposal is thus that sentences containing both an A-accent and B-accent are related to two contextually given questions at the same time, which form a question-sub-question strategy” (Büring 2003a, p. 513).

Em outras palavras: o uso de foco contrastivo reflete a presença de uma QSD “central” que é uma pergunta múltipla; esta pode ser dividida em dois (ou mais) conjuntos de sub-questões. Responde-se à QSD “central” oferecendo respostas a um destes conjuntos de sub-questões da QSD “central”. Büring, seguindo Roberts (1996), chama o conjunto hierarquizado formado por QSD-subQSDs-respostas de uma *estratégia discursiva* (para responder à QSD “central” ou “dominante”). O papel das construções de tópico contrastivo é, para Büring, justamente o de sinalizar qual foi a estratégia escolhida.

Por exemplo, retornando a (8) acima, pode-se na verdade responder à QSD em (8A) de dois modos:

(21) [Contexto: retorno de sacoleiros...]

A: Quem trouxe o que desta vez? [QSD = (8A)]

B: O *Paulo* trouxe uma sacola de RELÓGIOS, o *José* trouxe dez VIDEOCASSETES, etc.  
[sub-QSD implícita: “O que x trouxe?”, x = Paulo, José, etc.]

B': *Os relógios* (foi) o JOÃO (quem) trouxe, *os videocassetes* (foi) o JOSÉ (quem trouxe), etc.  
[sub-QSD implícita: “Quem trouxe x?”, x = os relógios, os videocassetes, etc.]

A fim de implementar tecnicamente esta análise, Büring introduz um terceiro tipo de valor semântico para sentenças, a que chama de “CT-value” (*contrastive topic value*); aqui, utilizarei o termo *valor tópico-contrastivo* da sentença (notação:  $\|S\|^{tc}$ ). Como uma construção de tópico contrastivo sinaliza a presença de um conjunto de sub-questões, e o valor semântico ordinário de uma questão é um conjunto de proposições (tal como o valor focal de suas respostas), o valor tópico-contrastivo de uma sentença é um *conjunto de conjuntos de proposições*. Informalmente, este conjunto é formado de acordo com o algoritmo em (22) (adaptado de Büring 2003a, p.519, (11)); a operação de (22) é ilustrada em (23):

(22) Formação do *valor tópico-contrastivo* de uma S:

- a. substitua o foco de S por um elemento-QU e forme a questão correspondente;
- b. forme um conjunto de questões com o resultado de (22a) substituindo o tópico contrastivo de S por valores alternativos (contextualmente determinados).

- (23) a. *O Paulo trouxe uma sacola de RELÓGIOS.* (= (21B))
- b. Formação do valor tópico-contrastivo de (23a):  
 - por (22a): *O que o Paulo trouxe?*  
 - por (22b): {*O que o Paulo trouxe? O que o José trouxe? etc.*}
- c.  $\|O \text{ Paulo trouxe uma sacola de RELÓGIOS}\|^{\text{tc}} =$   
 $\{\|O \text{ que Paulo trouxe?}\|^{\circ}, \|O \text{ que José trouxe?}\|^{\circ}, \text{etc.}\}$

Uma vez introduzida a noção de *valor tópico-contrastivo* de uma sentença, Büring pode formular as condições de uso das construções de tópico contrastivo ((24) abaixo é adaptação de (13) e (14) em Büring 2003a, p. 520):

(24) *Condição de Congruência de Tópicos Contrastivos*

Uma sentença S contendo um tópico contrastivo é congruente no discurso D se e somente se indicar uma estratégia em D, isto é, se:

(a) há em D uma QSD tal que QSD “domina” um conjunto Q’ (não-singular) de questões Q tal que  $\|Q\|^{\circ}$  pertence a  $\|S\|^{\text{tc}}$ ; e

(b) há uma  $Q_n$  em Q’ tal que S é uma resposta congruente com  $Q_n$ .

Büring demonstra que a análise acima esboçada é capaz de deduzir várias das propriedades das construções de tópico contrastivo. Uma delas é a seguinte: embora tanto (21B) quanto (21B’) possam ser usadas para responder a (21A) acima, esta aparente opção entre as duas desaparece se a sub-QSD implícita em (21) é explicitada, cf.

(25) [Contexto: retorno de sacoleiros...]

A: Quem trouxe o que desta vez? Isto é, o que cada um dos rapazes trouxe?

B: *O Paulo trouxe uma sacola de RELÓGIOS, o José trouxe dez VIDEOCASSETES, etc.*

B’: *#Os relógios (foi) o JOÃO (quem) trouxe, os videocassetes (foi) o JOSÉ (quem trouxe), etc.*

(26) [Contexto: retorno de sacoleiros...]

A: Quem trouxe o que desta vez? Isto é, quem trouxe os relógios, os videocassetes, etc.?

B: *#O Paulo trouxe os RELÓGIOS, o José trouxe dez VIDEOCASSETES, etc.*

B’: *Os relógios (foi) o JOÃO (quem) trouxe, os videocassetes (foi) o JOSÉ (quem trouxe), etc.*

[...Explicar...]

## 5 Foco também pode sinalizar uma estratégia

A observação crucial aqui: da maneira como Büring formula as condições de congruência das construções de foco não-marcadas e das construções de tópico contrastivo, somente as últimas podem "indicar uma estratégia discursiva" – isto é, sinalizar que o discurso responde a uma determinada QSD "central" por meio de respostas a um conjunto específico de sub-questões. Construções de foco não-marcadas são aquelas em que o único elemento entoacionalmente proeminente é o foco, isto é, o que recebe o acento-A; entretanto, de acordo com (22), para que se determine o valor tópico-contrastivo de uma S é preciso que se identifique nela um "tópico contrastivo", isto é, um elemento que receba proeminência entoacional por meio do acento-B. Assim, se a S não possui um acento-B, não é possível fornecer-lhe um valor tópico-contrastivo e não é possível verificar se é congruente com um discurso em que "indicaria uma estratégia" (cf. (24)).

Embora as várias diferenças entre as construções de foco não-marcadas e as construções de tópico contrastivo acima resenhadas pareçam justificar a posição expressa no parágrafo anterior, há boas razões para se dizer que, em certos contextos, construções de foco não-marcadas podem "indicar uma estratégia". Um exemplo particular disso é o discurso em (1) acima, repetido abaixo como (27) (adaptado de Lambrecht 1994, p. 160):

- (27) [a] Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu nunca me dei muito BEM. [e] Eu achava CIÊNCIAS interessante e [f] adorava EDUCAÇÃO FÍSICA, é claro.

As sentenças que interessam aqui são (27c,d), que são construções com tópicos contrastivos, e (27e,f), que são construções de foco não-marcadas. Do ponto de vista da teoria de Büring, o importante é fornecer uma análise do discurso em (27), em termos de suas QSDs subjacentes, em que: (a) (27c,d) "indiquem uma estratégia" e (b) (27e,f) não "indiquem uma estratégia" – em particular, não indiquem a mesma estratégia que (27c,d).

Esta última observação pode ser surpreendente dado o fato de que os constituintes focalizados de (27e,f), *ciências* e *educação física*, parecem estar, em algum sentido intuitivo, "em contraste" com os tópicos contrastivos de (27c,d): pertencem ao mesmo "conjunto de termos contextualmente definidos" – as matérias escolares do falante no seu curso secundário; diferem delas (como os tópicos contrastivos de (27c,d) diferem entre si) pelo fato de o falante ter tido um sentimento particular em relação a elas.

Entretanto, há evidência mostrando que (27e,f) não "indicam a mesma estratégia" que (27c,d). A principal: a substituição de (27e,f) por estruturas de tópico contrastivo resultam em um discurso incongruente, cf.

- (28) [a] Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu

nunca me dei muito BEM. [e] #Ciências eu achava INTERESSANTE e [f] educação física eu adorava, é claro.

Uma análise das QSDs compatível com o que se disse até aqui seria, por exemplo, a em (29) abaixo:

(29) [a] (Como você foi na escola?) Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] (Por quê?) NUNCA me ESFORCEI para conseguir mais do que ISSO. [c] (Como assim? QSD: Em que matérias você tinha que tipo de problema? sub-QSD: que tipo de problema você tinha com história, matemática, etc.?) *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu nunca me dei muito BEM. [e] (Mas não tinha nada de que você gostasse?) Eu achava CIÊNCIAS interessante e [f] adorava EDUCAÇÃO FÍSICA, é claro.

Entretanto, as observações acima sobre o “contraste intuitivo” que há entre *ciências/educação física* e *história/matemática* em (27) apontam para uma outra intuição: a de que o discurso (27) é, genericamente, sobre a experiência escolar do falante, e seu “modo de desenvolvimento” deste tema (cf. Halliday 1985) basicamente se divide em duas etapas “contrastivas”: na primeira etapa, que inclui a seqüência (27c,d), o falante expõe suas “experiências negativas” e na segunda etapa, que inicia com (27e) e inclui (27f), ele expõe suas “experiências positivas”.

A intuição acima apontada pode, na verdade, ser expressa por uma análise de (27) compatível com as assunções de Buring relativas à estrutura informacional das frases, exceto pelo fato de que (27e,f) – embora não tenham um “tópico contrastivo” – “indicam uma estratégia”:

(30) [a] (Como você foi na escola?) Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] (Por quê?) NUNCA me ESFORCEI para conseguir mais do que ISSO. [c] (Como assim? QSD: Como você se sentia com relação a cada matéria? Sub-QSD1: Como você se sentia com relação a matérias problemáticas: história, matemática, etc.?) *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu nunca me dei muito BEM. [e] (Sub-QSD2: Com que matérias você se sentia bem: achava interessante, gostava, etc.?) Eu achava CIÊNCIAS interessante e [f] adorava EDUCAÇÃO FÍSICA, é claro.

Na análise sugerida em (30), embora (27e,f) não indiquem a mesma estratégia que (27c,d), ainda assim indicam uma estratégia: a estratégia alternativa à estratégia de (27c,d), isto é, a outra possibilidade de responder à mesma QSD:

(31) QSD:  
Como você se sentia com relação a cada matéria?

Sub-QSD1 (Estratégia 1):

COMO você se sentia com relação a matérias problemáticas: história, matemática, etc.?

Sub-QSD2 (Estratégia 2):

COM QUE MATÉRIAS você se sentia bem: gostava, era seu prato predileto, etc.?

Há pelo menos duas razões – além das intuições antes mencionadas – para se acreditar que a análise de (27) apresentada em (30) está correta. A primeira é que (27e,f) *podem ser convertidas em estruturas de tópico contrastivo*, desde que (27c,d) sejam também convertidas para construções de foco não-marcadas, cf.

- (32) [a] Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] Eu achava HISTÓRIA uma matéria muito chata e [d] nunca me dei muito bem com MATEMÁTICA. [e] *Ciências* eu achava INTERESSANTE e [f] *educação física* eu ADORAVA, é claro.

Como se vê em (32), o resultado das mudanças promovidas é um discurso essencialmente com o mesmo “sentido” – a mesma “estrutura temática” – de (27): a primeira etapa do discurso expõe as “experiências escolares negativas” do falante, enquanto a segunda etapa expõe as “experiências positivas”.

O fato de que (32) é essencialmente equivalente a (27) é facilmente capturado com a análise em (30): o que se fez em (32) foi inverter a ordem de apresentação das duas estratégias indicadas em (31), cf.

- (33) [a] (Como foi seu desenvolvimento na escola?) Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] (Por quê?) NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] (Como assim? QSD: Como você se sentia com relação a cada matéria? Sub-QSD1: De que matérias você não gostava: achava chata, ia mal, etc.?) Eu achava HISTÓRIA uma matéria muito chata e [d] nunca me dei muito bem com MATEMÁTICA. [e] (Sub-QSD2: Como você se sentia com relação às matérias em que ia bem: ciências, educação física, etc.?) *Ciências* eu achava INTERESSANTE e [f] *educação física* eu adorava, é claro.

O segundo argumento a favor da análise de (27) como (30) (isto é, em que (27c,d) e (27e,f) indicam diferentes estratégias para responder à mesma QSD) é fornecido pelo “teste de subordinação” (TS). Este teste foi descoberto por van Kuppevelt (1995, p. 134 e ss.) e serve para identificar as relações hierárquicas entre as QSDs de um discurso. A idéia é simples: uma QSD é “subordinada” a outra no discurso se faz parte do processo de responder a esta última; se a QSD superior é dada como respondida, não faz sentido continuar o discurso com (respostas a) QSDs que procurem – ainda – responder à QSD superior.

Considere os seguintes exemplos, adaptados de van Kuppevelt (exemplos (15), (20) e (21), respectivamente):

- (34) A: Amanhã é o aniversário do João.  
Q1 B: O que poderia ser um presente adequado pra ele?  
R1 A: Um “jacaré”.  
Q2 B: O que é um “jacaré”?  
A2 A: É um tipo de ferramenta que permite apertar porcas de diversos tamanhos.
- (35) A: Amanhã é o aniversário do João.  
Q1 B: O que poderia ser um presente adequado pra ele?  
R1 A: Um “jacaré”.

- TS B: Ah, agora eu compreendo o que seria um presente adequado pra ele...
- Q2 B: #O que é um “jacaré”?
- A2 A: É um tipo de ferramenta que permite apertar porcas de diversos tamanhos.
- (36) A: Amanhã é o aniversário do João.
- Q1 B: O que poderia ser um presente adequado pra ele?
- R1 A: Um “jacaré”.
- Q2 B: O que é um “jacaré”?
- A2 A: É um tipo de ferramenta que permite apertar porcas de diversos tamanhos.
- TS B: Ah, agora eu compreendo o que seria um presente adequado pra ele...

[...Explicar...]

Aplicando o teste a (27), pode-se demonstrar que, de fato, (27e,f) podem ser concebidas como hierarquicamente dependentes da mesma QSD principal que (27c,d) (que seria “Como você se sentia com relação a cada matéria?”, cf. (31)):

- (37) [a] Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu nunca me dei muito BEM. (TS:) Isso dá uma idéia de como eu me sentia com relação às diferentes matérias. [e] #Eu achava CIÊNCIAS interessante e [f] adorava educação FÍSICA, é claro.
- (38) [a] Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu nunca me dei muito BEM. [e] Eu achava CIÊNCIAS interessante e [f] adorava EDUCAÇÃO FÍSICA, é claro. (TS:) Isso dá uma idéia de como eu me sentia com relação às diferentes matérias.

[...Explicar...]

## 6 Conclusão

O trabalho recente de Büring oferece bons argumentos para dizer que construções de foco não-marcadas e construções de tópico contrastivo possuem “semânticas” diferentes, o que se reflete no fato de que possuem papéis diferentes na organização do discurso. Büring expressa esta diferença por meio das condições de congruência que regem estas construções com respeito à hierarquia de QSDs subjacente ao discurso. Especificamente, somente construções de tópico contrastivo – e não as de foco não-marcadas – “indicariam uma estratégia discursiva”, isto é, a presença de um conjunto de sub-QSDs cujas respostas fornecem uma resposta para a QSD dominante.

Aqui, mostrei que, em certos discursos, as construções de foco não-marcadas *podem* “indicar uma estratégia discursiva”. Isso sugere, é claro, que é preciso rever algo na análise de Büring das construções aqui discutidas. Fica para o

futuro: tentar reformular a análise de Büring para acomodar os casos aqui discutidos; explorar as conseqüências desta reformulação.

## **Bibliografia**

Büring, Daniel (1997) *The Meaning of Topic and Focus: The 59th Street Bridge Accent*. London: Routledge.

Büring, Daniel (1999) Topic. In P. Bosch & R. van der Sandt, eds. *Focus -- Linguistic, Cognitive, and Computational Perspectives*, 142-165. Cambridge (Inglaterra): Cambridge University Press.

Büring, Daniel (2003a) On D-Trees, Beans, and B-Accents. *Linguistics & Philosophy* 26, 511-545.

Büring, Daniel (2003b) Semantics, Intonation and Information Structure. Ms., UCLA. A aparecer em Gillian Ramchand & Charles Reiss, eds., *Interfaces*.

Givón, Talmy (1993) *English Grammar: A Function-Based Introduction*, Vols. I e II. Amsterdã: John Benjamins.

Gundel, Jeanette (1999) On Different Kinds of Focus. In P. Bosch & R. van der Sandt, eds. *Focus -- Linguistic, Cognitive, and Computational Perspectives*, 293-305. Cambridge (Inglaterra): Cambridge University Press.

Halliday, Michael A. K. (1985) *An Introduction to Functional Grammar*. Arnold, Londres.

Halliday, M. A. K. (1967) Notes on Transitivity and Theme in English, Part II. *Journal of Linguistics* 3, 199-244.

Hamblin, C. L. (1973) Questions in Montague Grammar. *Foundations of Language* 10, 41-53.

Ilari, Rodolfo (1992) *A Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Ed. da UNICAMP, Campinas.

Jackendoff, Ray (1972) *Semantics in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.

Karttunen, Lauri (1977) Syntax and semantics of questions. *Linguistics & Philosophy* 1, 3-44.

van Kuppevelt, Jan (1995) Discourse Structure, Topicality and Questioning. *Linguistics* 31, 109-147.

van Kuppevelt, Jan (1996) Ddirectionality in Discourse: Prominence Differences in Subordination Relations. *Journal of Semantics* 13, 363-395.

Lambrecht, Knud (1994) *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge University Press, Cambridge (Inglaterra).

Pierrehumbert, Janet (1980) The Phonology and Phonetics of English Intonation. PhD thesis, MIT, Cambridge, MA.

Roberts, Craige (1996) Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In J. H. Yoon & A. Kathol, eds., *OSU Working Papers in Linguistics 49: Papers in Semantics*, 91–136.

Rooth, Mats (1985). Association with Focus. PhD thesis, UMass, Amherst, MA.

Rooth, Mats (1992) A Theory of Focus Interpretation. *Natural Language Semantics* 1, 75-116.

von Stechow, Arnim (1989) Focusing and Backgrounding Operators. *Fachgruppe Sprachwissenschaft Technical Report 6*. Universität Konstanz, Konstanz.

Steedman, Mark (2000). Information Structure and the Syntax-Phonology Interface. *Linguistic Inquiry* 31, 649–689.

Vallduví, Enric (1992) *The Informational Component*. Nova Iorque: Garland.

Vallduví, E. & Vilkuna, M. On Rheme and Kontrast. *Syntax and Semantics* 29. Nova Iorque, Academic Press,